

Turismo étnico: estudo de caso de um programa

Miriam de Oliveira Santos (mirsantos@uol.com.br)*

Resumo

Para resolver o problema da manutenção do homem no campo, da baixa rentabilidade dos produtos agrícolas e da degradação da natureza a prefeitura de Caxias do Sul - RS formalizou uma parceria com algumas cidades italianas, de onde vieram os imigrantes italianos que fundaram o município, para desenvolver o turismo rural. Neste artigo procuraremos analisar como a idéia de uma identidade etnicamente diferenciada permeia o projeto. Analisaremos também o conceito de continuidade nacional e de manutenção da cultura da pátria-mãe, mesmo no caso de uma imigração de mais de um século, que permite solicitar a participação de cidades italianas no projeto.

Palavras-chave: Turismo Rural; Imigração; Etnicidade;

Abstract

In order to solve the problem of the maintenance of the man in the field, the low gain of agricultural products and the degradation of nature, the city hall of Caxias do Sul (Rio Grande do Sul, Brazil) legalized a partnership with some Italian cities, from where came the Italian immigrants who established the city, to develop the agritourism. In this article we will analyze how the idea of a different ethnicity identity permeates the project. We will also analyze the concept of national continuity and native land-mother's culture maintenance, even in the case of an immigration of more than a century, which allows requesting the participation of Italian cities in the project.

Key-words: Agritourism; Immigration; Ethnicity;

A manutenção do homem no campo, a baixa rentabilidade dos produtos agrícolas e a degradação da natureza são problemas bastante antigos no Brasil e que na região de Caxias do Sul - RS estão sendo resolvidos de forma inusitada através de uma parceria, para o desenvolvimento do turismo agrícola, com algumas cidades italianas, de onde vieram os imigrantes italianos que fundaram o município de Caxias do Sul.

Neste artigo procuraremos analisar como a idéia de uma identidade etnicamente diferenciada permeia o projeto "Roteiros de Turismo e Patrimônio Histórico". Analisaremos também o conceito de continuidade nacional e de manutenção da cultura da pátria-mãe, mesmo no caso de uma imigração de mais de um século, que permite solicitar a participação de cidades italianas no projeto. A metodologia utilizada foi o estudo de caso com o uso de várias técnicas de coleta de dados: pesquisa documental e bibliográfica, entrevistas, trabalho de campo, etc.

Caxias do Sul é uma cidade de porte médio, com uma indústria bastante desenvolvida e que tem como principal atração turística a Festa Nacional da Uva, uma festa da colheita, uma celebração do rural, inspirada nos imigrantes italianos fundadores da cidade, mas que já não são maioria em um município onde a população mais que dobrou nos últimos trinta anos.

É no rastro desta tradição que foi implantado um projeto Integrado de turismo agrícola, unindo as cidades do Nordeste do Rio Grande do Sul que receberam Imigrantes Italianos e as cidades do Norte da Itália, de onde no final do século XIX, estes Emigrantes saíram para o Brasil.

Em um livro sobre Roteiros de Turismo e Patrimônio Histórico, Brambatti (2002:8), faz um resumo dos objetivos deste projeto:

Os roteiros de turismo que pertencem à Região da Uva e do Vinho, Caminho das Pedras, Caminho das Colônias, e a Estrada do Imigrante tem em comum a vontade de resgatar as tradições, a cultura, os hábitos e o patrimônio histórico deixado pelos imigrantes italianos, que chegaram no final do século passado, motivados pela vontade de "fazer a América", "far la Mérica". Esta vontade comum existente nestes municípios, que a princípio apresenta-se como uma intencionalidade de caráter econômico, constitui uma forma de resistência contra padrões globais de comportamento unificados, e que ameaçam destruir os traços que ainda permanecem como instrumentos unificadores das identidades regionais: a memória histórico-cultural.

Observamos que a idéia de identidade e especialmente de uma identidade diferenciada, permeia o projeto, por outro lado é a idéia de continuidade nacional, de manutenção da cultura da pátria-mãe, mesmo no caso de imigrantes de mais de um século, que permite solicitar a participação (e o auxílio) de cidades italianas no projeto.

Alguns autores como Cohem afirmam que a identidade étnica está ligada a interesses corporativos, segundo esta corrente a etnicidade é instrumentalizada e acionada nos momentos em que é relevante e a instrumentalização política da etnicidade é usada como arma para adquirir privilégios (Cohem, 1979). No entanto é importante lembrar que a identidade étnica pode até ser manipulada e utilizada para atingir determinados objetivos de alguns grupos corporados, mas não se resume a isto, já que o grupo preexiste ao interesse corporativo.

Segundo o mesmo Brambatti (2002:8) a implantação do projeto "Roteiros de Turismo e Patrimônio Histórico" faz com que ressurgja no meio rural o conceito de "pertencimento" que segundo ele funciona "como elemento de aglutinação e fortalecimento dos

*Graduação em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1984), mestrado em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000), doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2004), pós-doutorado em Sociologia Rural no CPDA da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Atualmente é pesquisadora associada do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios e professora da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora. E-mail: mirsantos@uol.com.br

vínculos identitários, a partir da integração dos semelhantes"

Ou seja, o projeto só é possível porque realmente existem, ou existiram, elementos distintivos entre os descendentes de imigrantes italianos da região rural de Caxias do Sul. Neste caso há um estímulo ao uso dos sinais diacríticos por parte desta parcela da população.

Os descendentes dos imigrantes vêem-se como parte de um processo histórico compartilhado. As histórias da imigração são contadas e recontadas com o objetivo de marcar a epopéia. Deste modo a identidade pode ser construída de várias formas, incluindo aí as idealizadas. A imigração é sempre narrada como uma epopéia, uma conquista civilizatória dos colonos abandonados na selva, e é em cima da noção de processo civilizatório que os descendentes de italianos que moram em Caxias do Sul, constroem a sua identidade.

Essa referência ao colono é interessante, porque apesar de em um plano "mítico" o colono estar identificado com o "pioneiro" com aquele que "civilizou" um lugar "selvagem", as referências aos colonos "reais" não são tão elogiosas assim¹. Um descendente de terceira geração entrevistado por Zanini em Santa Maria, cidade localizada no centro do Rio Grande do Sul e próxima da região da ex-colônia de Silveira Martins, assim definiu o colono: "(...) é aquele que tem pouca cultura, anda sujo, de chinelo, pé no chão, está sempre sujo de pó, de coisa, trabalha com boi, com vaca (...)" (Zanini, 2002: 295)

Da mesma maneira que Cohen fala em uma retribalização, podemos apontar aqui para uma reetnização, onde indivíduos que se transferem do campo para a cidade enfatizam e exageram a sua identidade e exclusividade cultural, com objetivos políticos e econômicos.

O pioneirismo, o isolamento, a resistência cultural são revistos a partir de novos pontos

de vista. É importante ressaltar, entretanto, que não se trata simplesmente de dissolver o simbólico no instrumental.

Neste sentido tradições são apropriações do passado para refletir no presente a idéia de comunhão e marcar pertencimentos (Hobsbawn, 1997). Pode-se encontrar no passado todo um repertório de termos simbólicos para atualizá-los no presente, ou seja, cria-se uma versão à *posteriori* que organiza e confere sentido a fatos e eventos isolados.

Os organizadores possuem inclusive consciência desta reinvenção de tradições, como observamos em Brambatti (2002:2-3):

*Ao mesmo tempo em que se afirmam como instrumentos de resistência a padrões unificadores da globalização, estes roteiros são formas de legitimação de uma cultura e identidade existentes. São portanto a **prova histórica**, o **testemunho vivo** de uma identidade que se manifesta no espaço e no território geográfico, legitimando uma identidade regional, étnica, uma verdadeira afirmação de diferenças, de especificidades, de positividade constitutivas não do velho, que serve de referência, mas do novo, produto da criatividade reinventora da tradição, como uma vantagem comparativa e competitiva do mundo moderno.*

Em decorrência da Globalização, a homogeneidade cultural no plano "nacional" é menos importante nos Estados avançados ligados aos mercados mundiais, uma vez que o Estado-nação como entidade política pode oferecer menos. Por isso o pluralismo religioso, étnico e de estilo de vida pode se expandir dentro desses Estados, e os grupos podem ganhar mais importância dentro de Estados nacionais como focos alternativos de lealdade para seus membros. As comunicações modernas formam a base de uma sociedade civil internacional, povos que compartilham interesses e associações que cruzam fronteiras.

1. Segundo Teixeira (1988:54) : "Disto resultou a freqüente utilização do termo colono como instrumento de ofensa, em especial contra os descendentes de colonos. Registre inclusive um caso de ação judicial provocada por este tipo de ofensa, movida por um influente industrial, neto de imigrantes italianos, em Caxias do Sul, na década de 1960".

Esta Globalização reflete-se na autorização para a existência de comunidades no sul do Brasil autorizadas a manter suas diferenças culturais em nome de distintas origens étnicas. Nunca é demais lembrar que até muito recentemente (durante o Estado Novo, ou mesmo no período da ditadura militar) tais distinções seriam vistas como separatismo.

O Programa URB-AL é um Programa da Comissão Européia, criado em 1995. É um Programa de cooperação descentralizado e horizontal que abrange as principais áreas das políticas urbanas e se destina às coletividades locais da União Européia e da América Latina, e a outros atores do setor urbano. É baseado na troca recíproca de experiências entre participantes, de que resultam benefícios mútuos. É co-financiado pela Comissão Européia e com contrapartida dos entes envolvidos em cada projeto.

O Projeto "Roteiros de Turismo Rural e Patrimônio da Imigração Italiana", encaminhado e coordenado pelo município de Caxias do Sul, com a participação dos municípios de Bento Gonçalves e Flores da Cunha, obteve a adesão das Províncias Italianas de Trento, Perugia, Veneza e Treviso, foi apresentado à coordenadora da Rede 2 da Urb-AL, que é a Província de Vicenza, na Itália, e aprovado pela Comissão da União Européia, para ser executado nos anos de 2001 e 2002, com um financiamento a fundo perdido de 100.000 Euros pela União Européia e mais 100.000 Euros, divididos pelas cidades parceiras no decorrer do projeto.

O município de Caxias do Sul localiza-se na encosta superior do Nordeste do RS, micro-região da uva e do vinho, a 125 km de Porto Alegre. As principais vias de acesso ao município são as rodovias RS-122 e a BR-116 (Estrada Federal Getúlio Vargas, inaugurada em 1941 e asfaltada em 1961 no trecho entre Porto Alegre e Caxias do Sul).

Utilizando como fonte os resultados preliminares do Censo Demográfico 2000 , podemos afirmar que o município de Caxias possui atualmente 360.207 habitantes. Destes 333.201, ou seja, 92,5% constituem a população urbana e 27.006 , ou 7,5 % a população rural .

Ao contrário de outros lugares do Brasil onde houve influência da colonização italiana, Caxias do Sul é uma cidade de porte médio. A cidade cresceu sob a hegemonia da população italiana e à medida que cresceu e se industrializou, começou a atrair "estrangeiros". Inicialmente os colonos da região rural do próprio município e de municípios vizinhos da encosta nordeste da serra gaúcha, também de origem italiana, mais tarde esta atração se estende à população dos chamados "Campos de Cima da Serra" e as colônias alemães.

Esta não é uma característica exclusiva de Caxias do Sul, pois como observa Seyferth (1986: 59):

A conseqüência mais significativa do desenvolvimento econômico das antigas colônias, em termos étnicos, foi a quebra do isolamento. A oferta de mão-de-obra atraiu não só camponeses de origem européia, mas também um contingente razoável de brasileiros. É neste contexto urbano que têm lugar as relações interétnicas e emergem as etnicidades.

Segundo "O Pioneiro", o principal jornal da cidade, Caxias do Sul é hoje uma cidade em que os migrantes formam a maioria da população. Atualmente Caxias do Sul é o segundo maior e mais influente município do Rio Grande do Sul, possui cerca de 360.000 habitantes, com 92,5% deles situados na área urbana; é o principal município da chamada "região italiana" ou "região da serra" do Rio Grande do Sul. A região é um importante pólo de fabricação de vinhos, móveis, autopeças, carrocerias, malhas e outros produtos e serviços.

Caxias do Sul é hoje em dia uma metrópole industrial, centro de uma região vitivinícola, mas também famosa pela sua indústria metalúrgica. No entanto a vitivinicultura ocupa uma posição de destaque não só no desenvolvimento econômico, como também no plano simbólico.

Ainda sobre esta valorização da identidade italiana o seguinte trecho retirado de um folheto turístico sobre Caxias do Sul é bastante ilustrativo:

*Caxias do Sul é hoje, o pólo centralizador da região mais diversificada do Brasil, com seus laboriosos colonos, seus vastos parreirais, suas vinícolas, seu variado parque industrial e um comércio rico e dinâmico; dando a esta terra uma dimensão ainda maior, razão essa que "Caxias do Sul", a "Capital da Montanha", a "Pérola das Colônias", a "Colméia do Trabalho" é, por si só, o pólo centralizador da **marca italiana** no sul do Brasil*

Giralda Seyferth afirma que "A identidade étnica, de fato, está quase sempre associada a idéia de descendência comum," (Seyferth 1981:7) a mesma autora afirma em um outro texto que:

A representação da etnicidade com base num ethos do trabalho permite entender melhor a questão da cidadania e a forma como a categoria "colono" marca a identidade étnica, mesmo num contexto urbano. O que está em jogo aqui é o colono concebido como pioneiro e civilizador _ aquele que transformou as florestas do sul do Brasil em "ilhas" de civilização. (Seyferth, 1986:66)

O que explica a busca de parceiros do outro lado do Atlântico e o encanto dos visitantes italianos ao descobrir aqui, sobrenomes que também são comuns nas suas regiões de origem.

Deste ponto de vista a etnicidade funciona como uma ideologia no sentido que Gramsci dá ao termo, ou seja como um cimento que unifica as práticas e pensamentos de um determinado grupo

social. Surge aí o conceito de lealdade ao grupo e de uma identidade local. No caso do grupo que estudamos há uma clara hierarquização de identidades: a identidade local superpõe-se à regional e a nacional. Não é que eles não se considerem brasileiros, mas consideram que a sua identidade mais significativa é a identidade local de "italianos", o fato de eventualmente identificarem-se com ítalo-gaúchos demonstra a importância atribuída a identidade regional. Contudo apesar do discurso público de unidade, existem conflitos e disputas sobre quem pode falar em nome do grupo.

No entanto é importante perceber que como Weber demonstrou (1977), os valores orientam a ação, e podem ser fundamentais para definir o padrão de comportamento de uma sociedade. No caso dos descendentes de camponeses europeus que imigraram para o estado do Rio Grande do Sul, a experiência da colonização deu origem a um determinado tipo de habitus extremamente propício para o desenvolvimento capitalista.

Para os descendentes de italianos que habitam em Caxias do Sul, especialmente para os que moram na região rural do município, o lema de São Bento "Ora e Trabalha" é mais que uma inspiração, é o único modo de vida que eles reconhecem como digno

Identidade é sempre relacional, e nem sempre auto-atribuída, visto que, mesmo antes de se sentirem como tais, vênnetos, trentinos lombardos, que chegam ao Brasil são rotulados de italianos. É depois da sua chegada ao Brasil que eles definem sua identidade enquanto italianos e elegem os sinais que os distinguem. Esta identidade pode ser instrumentalizada e manipulada para obter vantagens, mas não surge unicamente com esta função.

Podemos afirmar que na região de Caxias do Sul está havendo uma

reconstrução de identidade. Na década de 50 do século XX construiu-se a identidade de imigrante italiano, onde o imigrante era progressista, desenvolvido, o colono pioneiro que havia se transformado em industrial. Nesta mesma época aqueles que permaneciam como colonos eram vistos como símbolo de atraso.

Portanto ser italiano era positivo, ser colono negativo. A dicotomia rural/urbano correspondia a dicotomia colono/italiano. Contemporaneamente observamos uma revalorização do campo e do colono e a fusão das duas identidades anteriores em uma só: o colono italiano.

Atualmente vários países que participaram da grande imigração para a América do século XIX e início do século XX, apresentam carência de mão de obra e estão chamando de volta os descendentes dos imigrantes. Esta atitude demonstra as atitudes primordialistas que envolvem a etnicidade, o jus sanguinis prevalecendo sobre o jus soli, e a manutenção da idéia de que cultura é alguma coisa que se transmite com o sangue.

Parece-nos que existe um outro objetivo não-declarado que é aumentar a auto-estima dos colonos, contribuindo para transformar o que era um estigma em motivo de orgulho. Apesar de em um plano "mítico" o colono estar identificado com o "pioneiro" com aquele que "civilizou" um lugar "selvagem", as referências aos colonos "reais" não são tão elogiosas assim.

De acordo com Azevedo (1982:269) este estigma começa com a urbanização e a industrialização que: "(...) produzem a clássica dicotomia entre o cidadão e o camponês. O urbanita diferencia-se e se distancia gradualmente do colono que passa a uma categoria social própria, inferior à daquele".²

Aparentemente está acontecendo uma mudança na representação dos colonos

como podemos observar no seguinte depoimento: "Tenho orgulho de ser colono. Gosto de cultivar nossas tradições e adoro o lugar onde moro. Não tem outro com toda essa festa".³

Em uma entrevista, o cartunista Iotti, declarou:

*Quando eu criei o Radicci, e já são 18 anos, ser colono era uma vergonha, era uma ofensa ser colono, ninguém queria ser colono, era realmente um passado que eles queriam esconder e hoje não, hoje ser colono é uma coisa que é orgulho é motivo de exaltação, muitas pessoas hoje adotam essa postura, uma época atrás ter o sotaque carregado era vergonhoso, as pessoas até nem falavam, tinham vergonha de se expressar, tinham vergonha de andar na rua, tinham vergonha até de existir. E hoje não, a gente vê as pessoas com essa auto estima elevada.*⁴

Sobre a vergonha de falar, Froisi (1998:162) assinala que este é um fenômeno que precede a campanha de nacionalização:

Esta estigmatização social, conseqüente, por um lado, de um conjunto de fatores decorrentes da campanha de nacionalização da educação, e, por outro lado, reforçada essa mesma estigmatização por atuação de um segmento do próprio grupo étnico italiano regional, constitui-se o embrião de um fenômeno que toma forma definitiva na década de 1950 e originará o sentimento de vergonha que marcará a fala de muitos ítalo-brasileiros, seja ela a dialetal italiana, seja ela a de língua portuguesa. Vergonha de falar, medo de falar com pessoas não pertencentes a uma determinada comunidade de falantes parecem ter sido bastante comuns nas comunidades rurais da RCI.[Região Colonial Italiana].

Como vimos na fala do descendente de terceira geração entrevistado por Zanini

2. Grifo do autor.

3. Um estudante de 16 anos, entrevistado pelo jornal Pioneiro durante as Olimpíadas Coloniais de Ana Rech no Domingo de Carnaval. Jornal Pioneiro, Caxias do Sul, caderno Almanaque, Sábado/Domingo, 16/17 de fevereiro de 2002, nº68, p.4

4. Entrevista gravada no dia 01/03/2002.

em Santa Maria em outras regiões do Rio Grande do Sul permanece o estigma do colono. Por isto mesmo os entrevistados de Zanini preferem definir-se como agricultores e não como colonos.

Acontece aqui um descompasso entre representação e realidade, o que não impede o uso laudatório do colono na construção da identidade. Maestri (s/d) e Sganzerla (2001), sugerem que por volta de 1920 os dialetos itálicos haviam entrado em regressão, restringindo-se como meio de comunicação, primeiro nas cidades e logo após nas comunidades rurais. Por volta de 1930 o "talian" era a língua coloquial dos idosos, compreendida e praticada passivamente pelos jovens.

Sobre este "abandono da língua" Frosi assinala que à medida que os descendentes de italianos se urbanizaram e enriqueceram passaram a *"segregar social e lingüisticamente os menos favorecidos - o colono - que, ou se comunica através do dialeto italiano e é qualificado como grosso, ou se expressa em português, porém de um modo assaz precário, e torna-se motivo de riso"* (Frosi, 1998:162).

Esta revalorização do colono é, em nossa opinião, fruto de um redirecionamento da Festa da Uva, que depois de muitos anos voltada para a feira agroindustrial, passa a valorizar mais a tradição e a cultura, visando principalmente atrair turistas numa época em que o multiculturalismo dá à diferença cultural um peso de "politicamente correto".

A implantação de roteiros turísticos no interior do município, a revitalização de tradições já esquecidas, a organização de corais e grupos de danças e a abertura das propriedades para que grupos de turistas possam participar da colheita da uva, são indícios desta postura voltada para o "turismo rural".⁵ Além disso a implantação de tais roteiros possibilita a manutenção de propriedades agrícolas que não seriam viáveis apenas pela

sua produção agropecuária. Mas é também, de certa forma, uma reinvenção do colono pela elite.

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, Thales de. Italianos e gaúchos. Rio de Janeiro/ Brasília, Cátedra/INL, 1982
- AZEVEDO, Thales de. Os italianos no Rio Grande do Sul. Caxias do Sul, EDUCS, 1994
- BAILEY, F.G. Gifts and Poison. Oxford, Basil Blackwell, 1971
- BRAMBATTI, Luiz E. (org.) Roteiros de Turismo e Patrimônio Histórico. Porto Alegre, EST, 2002
- COHEN, Abner. Custom and Politics in urban Africa. London, Routledge and Kegan Paul, 1979
- DACANAL, José H. e GONZAGA, Sérgio (org.) RS: Cultura e Ideologia. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980
- FROSI, Vitalina M^a. "A linguagem oral da região de colonização italiana no sul do Brasil" In: MAESTRI, Mário. Nós, os ítalo-gaúchos. 2 ed. Porto Alegre: Editora da Universidade., 1998
- HOBSBAWN, Eric. E RANGER, Terence (org) A invenção das tradições. 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997
- GIRON, Loraine Slomp. Caxias do Sul: Evolução Histórica. Caxias do Sul/Porto Alegre, UCS/EST, 1977
- MACHADO, Maria Abel. Construindo uma cidade. Caxias do Sul, Maneco Livraria e Editora, 2001
- MAESTRI, M. (org.) Nós, os ítalo-gaúchos. Porto Alegre, Editora da Universidade, 1996
- _____. (s/d) "A Lei do Silêncio: história e mitos da imigração ítalo-gaúcha." Revista Vox nº 7, Porto Alegre: CORAG. Disponível em: <http://www.corag.rs.gov.br/revistas/vox/007-pre/biblioteca.html> Acesso em 27/10/2003
- SANTOS, Miriam de. Bendito é o fruto: festa da uva e identidade entre os descendentes de imigrantes italianos de Caxias do Sul - RS, tese de doutorado, Rio de Janeiro: PPGAS/UFRJ, 2004.

5. Durante a Festa da Uva de 2002 aconteceu o Seminário Internacional de Agroturismo - Roteiro Turístico da Imigração Italiana e foi lançado o livro "Roteiros de Turismo e Patrimônio Histórico.

- SEYFERTH, Giralda. Nacionalismo e identidade étnica. Florianópolis, FCC edições, 1981
- SEYFERTH, Giralda. "Imigração, Colonização e Identidade Étnica". In: Revista de Antropologia. Volume 29, 1986. SP: USP., 1986
- SGARANZERLA, Cláudia Mara. A Lei do Silêncio: Repressão e nacionalização no Estado Novo em Guaporé (1937 - 1945) , Passo Fundo: EdUPF; Porto Alegre:EST, 2001
- TEIXEIRA, Sérgio Alves. Os recados das Festas. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1988
- WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. 12 ed. , São Paulo, Pioneira,1977
- ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS, Santa Maria, EDUFMSM,2006

Cronologia do processo editorial:

Recebimento do artigo:	14-fev-2007
Envio ao parecerista:	12-nov-2007
Recebimento do parecer:	07-dez-2007
Envio para revisão do autor:	07-dez-2007
Recebimento do artigo revisado:	08-dez-2007
Aceite:	08-dez-2007